

# Ecclesia



Maior de 1952

Ano 4.º

N.º 15

NO 70.º ANIVERSÁRIO  
DO LIVRO DE ORAÇÃO COMUM PORTUGUÊS  
(TERMINADO EM 1882)

*À Honrada Memória de*

JOÃO CASSELS (1812-1869)

CONDE EDUARDO DE MOSER (1816-1893)

Presb.º JOSÉ NUNES CHAVES (1828-1893)

Presb.º RICARDO HOLDEN (1828-1888)

Presb.º HENRIQUE RIBEIRO ( -1897)

Cónego TOMAZ PEMBROKE POPE (1837-1902)

Presb.º DIOGO CASSELS (1844-1923)

E DE TODOS OS OUTROS FAUTORES DAS  
PRIMEIRAS EDIÇÕES DO LIVRO DE ORAÇÃO  
COMUM, EM LÍNGUA PORTUGUESA.



# Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA  
(Aparece em Janeiro, Março, Maio, Julho, Setembro e Novembro)

DIRECTOR:  
EDUARDO H. MOREIRA  
Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64729

ADMINISTRADOR:  
DANIEL DE PINA CABRAL  
Rua 14 de Outubro, 388 -- VILA NOVA DE GAIA -- Tel. 710995

## “ALGO DIFERENTE...”

DEI volta ao botão do meu modesto aparelho e, enquanto as lâmpadas aqueciam, busquei comodidade de rádio-ouvinte, num assento próximo...

“... é um produto diferente!” ouvi então o locutor dizer, muito convictamente, depois de ter proclamado a marca, que eu já não ouvira, e aqui não faz minguá.

“É um produto diferente...” ouve também o leitor, de vez em quando. E está vendo como, cansados de apregoar virtudes e excelências, em que já ninguém acredita, se inventou este novo **slogan**, este estribilho psicológico que apela aos fatigados, aos curiosos, aos amigos do inédito e do estranho; enfim, àqueles que, como os atenienses dos dias de S. Paulo, procuram “alguma coisa de novo” (Actos 17:21).

Dir-nos-ia o bom senso, se o quizessemos atender, que tendo nós algo de bom não precisamos de diferente; e se o diferente é peor que o possuído, mesmo mau, de nada vale mudar só pela ilusão da mudança ou pela ânsia de melhora.

“Tudo menos isto” é frase infeliz, infelizmente vulgar, fruto de desilusões ou de desespero, mas sem senso prático e sem verdadeira lógica.

Ainda há pouco um grande architecto, que é também elegante prosador, a propósito de “Sintra e a Urbanização”, num dos diários lisboetas, se referia à “preocupação inovadora que só procura substituir o que existe, o que está e o que é, por qualquer outra coisa muito diferente”. É isto: mudar, diferir, seja como for...

O aventureiro muda de lar levado pelo sonho que alimenta, como o jogador arrisca os bens, mais pelo vício que o move à emoção maior do que pela ambição medida e calculada. E tudo são ilusões.

Dom Quixote em todos os romances que lia procurava um ideal diferente, mas achou sempre um impulso igual para a sua loucura heroica. D. João Tenório sempre buscou a Mulher diferente, e encontrou sempre o lódo igual na sua baixeza. Para Aasvero, por mais diferente que fosse o ponto onde chegava, era sempre igual a ordem de partir: “Caminha,

### SUMÁRIO DO N.º 15

“Algo diferente” . . . . .	1
Reminiscências e Perspectivas . . . . .	2
O que somos, por R. L. Pereira . . . . .	4
Respigos: o Veu Rasgado . . . . .	6
No Atrio — Na Nave; hinos comemorativos . . . . .	7
Lusogramas . . . . .	8
Música do Dr. Leopoldo de Figueiredo . . . . .	9
Lauda Poética, Eudaro Carmelino . . . . .	10
No Lar, por Ricardo Waddell . . . . .	11
Na Seara . . . . .	12



caminha!" O que todos eles não encontraram foi o bem a que o espírito humano aspira.

Algo de diferente... será isso que importa?

A indústria que produz, o comércio que distribui, esfalfam-se por se diferenciar, em cada nova empresa e em cada novo posto, no trazer ao seu interesse a clientela alheia. O artista, mais nobremente, pode abstrair do público e obedecer ao seu impulso quando busca o inédito, mas falha no seu sonho de beleza se somente pelo inédito vive. E se subirmos mais, na expansão dos mais profundos sentimentos, até ao exercício dos mais nobres ideais, o "diferente" ainda mais se amesquinha em si mesmo, por nada significar. Nada.

Há poucos anos as autoridades da província basilica da Igreja de Roma conseguiram uma sentença proibitiva, que consideramos injusta, contra outra Igreja, por esta negar obediência ao metropolitano italiano, o Papa, e usar paramentos e vasos semelhantes aos usados pelas igrejas da obediência romana. Não se tratou, parece-nos, de saber se esses usos e objectos eram ou não anteriores ao cisma de Roma, e se assim eram privilégio pelo menos igual de ambos os grupos cindidos. Deu-se **democráticamente** direito de exclusivo ao maior número... Porque o maior número se queria manter diferente.

Posição idêntica é a da seita cristã que se esforce por manter a sua peculiaridade inconfundível, nada querendo das tradições que abomina (e caindo em quantas incoerências por essa posição ilógica!) fazendo gala da "denominação" que a distingue, mais do que firmando-se no Nome Bendito que nos traz a todos a salvação (Actos 4:12); pondo maior ênfase nos ritos do

que na Pessoa para Quem o rito aponta (S. João 17:21).

Proselitismo de grupo, feito à subcapa, não será comercialismo baixo, mas é com certeza "clubismo" que se não compadece com o espírito largo e amplo de Jesus Cristo, o Mestre Perfeito, o Amigo de todos, o Salvador Único.

A Igreja Cristã, enquanto for cristã procurará ser igual a si mesma. Não necessita de diferir de si mesma. Adapta-se aos tempos e aos meios, sim, mas esse processo de adaptação, desde que venha da sua própria vida e essência, não alardeará a diferença mas honrar-se-á da permanência no essencial. Se por carta da Igreja de Esmirna, de 156 A. D., pela primeira vez se fez a afirmação doutrinária da Santa Trindade, e se pelos anos de 180 S. Teófilo emprega pela primeira vez a palavra **Trindade**, isso não representa uma diferença, pois o termo traduz uma verdade bíblica já então velha, uma doutrina que vinha desde o princípio, um facto eterno. Se em 107 vemos Santo Inácio fazer a primeira referência à Igreja Católica, se S. Cipriano, até ao seu martírio, em 258, foi o grande pioneiro da catolicidade; se a S. Paciano, bispo catalão, um século depois, devemos essa bela frase: "Cristão é o meu nome, católico o meu sobrenome", nada disso tornou a Igreja diferente de si mesma, antes assim se defendeu a permanência duma verdade em perigo.

Algo diferente, por ser diferente?

Nós continuaremos iguais aos nossos irmãos de outrora, ainda que assim nos não distingamos tanto, porque, diferindo desses antigos mártires e confessores, corremos o risco de nos parecermos com os neutros e com os inimigos da fé!

JMC

DE Espanha chegaram-nos notícias que muito nos elucidam acerca da atitude do Vaticano naquele seu reduto a descoberto. Em quatro palavras se descreve: No domingo 9 de Março monsenhor Pedro Segura, cardeal-arcebispo de Sevilha, publicou uma pastoral sobre o "aumento das actividades protestantes em Espanha" e aí mani-

## REMINISCÊNCIAS

E

## PERSPECTIVAS

///

JMC

feita o seu receio pelo prejuízo que provenha de certa "campanha de benevolência", nascida das

mensagens de condolência enviadas por ocasião da morte do rei Jorge VI (!) Considera ainda o zeloso cardeal como **muito grave** a declaração de Stanton Griffis acerca de menos simpatia de Truman pela nação espanhola, devido à "intole-



rável demora por parte do seu governo, de dar cumprimento às suas promessas para o estabelecimento da liberdade religiosa". Dá mons. Segura depois informações estatísticas fazendo entender que a tolerância actual é já excessiva... E o caso é que deveria já estar escrita a explosiva pastoral quando, em 3 de Março, quinze filhos de Torquemada entraram na Igreja de S. Basílio onde o seu ministro, Rev. Santos Molina, com vários crentes, membros da Igreja Espanhola Reformada, ensaiavam hinos para a Páscoa, e, agredindo e prendendo o ministro e seu filho, á vista da senhora de Molina, enquanto dois dos assaltantes faziam sentinela á porta do templo, empilharam os livros litúrgicos e de hinos, regaram-nos de gasolina e incendiaram-nos, enquanto estupidamente clamavam: "Se acabaron los protestantes". Após a sua obra tão **patriótica** fugiram corajosamente os quinze energúmenos, perseguidos já então pelo Rev. Molina, e desapareceram nas ruelas próximas. A polícia, reclamada, procedeu com cortesia e guardou o edificio noite e dia; e em 10 de Março já haviam sido identificados dois dos assaltantes. Como o edificio é propriedade duma sociedade missionária britânica, o assunto chegou ao parlamento de Londres. Sir Douglas Savory, nos "Comuns", ao relata-lo, afirmou que este não era caso isolado, pois podia fornecer uma lista de nove igrejas reformadas recentemente atacadas em Espanha. Em razão do nosso desdem pela pequena política não há nesta notícia, assim dada, como é, num órgão cristão, outra intenção que não seja a de pedir a todos os leitores que orem com fervor pelas vítimas e por seus carrascos.

À medida que se torna uma cidade decididamente europeia, no pleno significado do termo, Lisboa requinta no crime, especializa-se em aberrações, importa clandestinamente estupefacientes, adopta vícios repugnantes, usa receitas exóticas de misturas de alcaloides, desviriliza os seus homens e desfeminiza as suas mulheres, criando jövens desnaturados, sem préstimo nem futuro. A "cruz", que cobriu muita hipocrisia medieval, é hoje substituída pela "bola", uma esfera ôca a cobrir muito cinismo. Sem culpa, é claro, da bola de hoje ou da cruz de ontem. Consola-nos, todavia, a ideia de que há uma Lisboa que trabalha, a par da outra que se suicida no pecado; uma Lisboa que teme a Deus a par da outra que vegeta na inconsciência do

perigo. Roguemos a Deus que ampare aqueles que O amam, de forma que no meio deles não persistam homúnculos aberrados, dúplices, inveterados na prática do vício, de máscara que já não engana aos homens e nunca enganou a Deus.

Deram-nos um recorte sem data, da "Voz" ou das "Novidades" (ambos são árcades...) onde se relata o que se passou na Igreja de S. Domingos, em Lisboa, no oitavário pela unidade da Igreja, quando o Rev. Bonifácio Muller, O. M. se referiu à actual insatisfação protestante pelas suas divisões, e à esperança "dos protestantes e de diversos católicos menos instruídos" dum certo acordo, de certa condescendência da parte da Igreja de Roma. Parece que o orador disse e muito bem: "A Igreja Católica não pode ceder um ponto sequer daquilo que recebeu do seu fundador Jesus Cristo..." Apoiado. Mas temos a acrescentar que o cisma romano tem muito a ceder para que se possa unir com aqueles cristãos que se esforçam por guardar o sagrado depósito da fé. O que nos custa a crer é que seja dele a afirmação que o reporter lhe atribui no mesmo local: que a tradição prevalece sobre a fé. É esta a doutrina romana? Será possível que aí se tenha chegado?

Num tratado norte-americano de sociologia relativamente moderno, diz-se, em interessante gráfico, que de 1900 a 1920, à medida que decrescia a circulação de periódicos religiosos nos Estados Unidos, aumentava, em proporção muito semelhante, a dos periódicos de vulgarização científica. À primeira vista, é lamentável o facto, para a consciência cristã, mas ponderemo-lo um pouco, assim despido como se nos apresenta, não nos induza ele em erro. Ninguém esqueça que a estatística e a verdade não são a mesma coisa. Só a estatística absoluta nos levaria à verdade absoluta. Estatísticas fragmentárias, dum ângulo de visão, podem estar muito longe da realidade, ou darem-nos uma perspectiva enganadora. O século XX herdou dos finais do anterior o hábito proliferador de boletins sectários, cada um deles descobridor exclusivo dum elixir doutrinário superior a todos os outros, ou inventor da pólvora... que vencerá o mundo em breve; cada um deles supondo-se no centro exacto das realidades espirituais que hão



de abater todas as demais confissões. E o público cansou-se de sarrazina, só interessante para um número restrito de leitores, preferindo-lhe cada vez mais o boletim científico, ou pseudo-científico, bem ou mal feito, que apelava à sua curiosidade inata, sem que isso queira absolutamente significar o abandono dos princípios herdados e transmitidos pelas Mães, nos Lares, e prègados nos Templos. Há outros testes, sim, acreditamos, que não são animadores. Mas estude-se cada um de per si, e busque-se o método terapêutico conveniente; não esquecendo que o remédio é sempre—O Evangelho.

Diz Romano Guardini, na sua recente obra "Os Últimos Fins": "Sempre se ouve repetir que o cristianismo faz do homem uma ideia estreita, despreza o corpo, deprecia o mundo, arranca o crente à acção e à obra para o pôr à parte, espiritual e religiosamente. Não se concebe como uma tal contra-verdade se pôde erigir em dogma e manter-se, pois em nenhures o homem aparece a uma luz tão alta como na mensagem cristã; em nada no universo ele é tomado tão a sério, nada do criado — do que tem lugar na temporalidade — o tem tão resolutamente sobrelevado para Deus e em Deus, como por Cristo e através dele". André Rousseaux, citando estas palavras no "Figaro Litteraire" faz notar como elas trazem ao dia de hoje o pensamento e a expressão do grande Pascal.

A evangelização de cartás e de trombone iniciada talvez pelo Exército da Salvação e desenvolvida por mil formas na América do Norte, deu porfim — quem tal diria! — temas para "ballets", como o de "Billy Sunday" e o de "Frankie e Johnny", ambos estes criados pela dançarina Rute Page, sobre música de Remi Gassmann. Um crítico que em album comenta as numerosas fotografias das "situações cómicas, sensuais e alegres" propósito do sermão de Billy Sunday sobre a tentação, lá evoca estupidamente José do Egipto e a mulher de Putifar, David e a mulher de Urias, e a Parábola das dez virgens; os filisteus e a sociedade de bandoleiros políticos chamada Ku-Klux-Klan, numa mistura estravagante e ácida. Atravessa tudo isto a mulher-missionária, "sinistra e vestida de negro" ... E o comentador acrescenta: "a sua reconstrução de histórias bíblicas em linguagem ordinária da farmácia da esquina ou de vestiário de jogadores

de **base-ball**, são dum humor vigoroso e espesso..." Calculamos. Mas esta gente não se poderia contentar com o seu pseudo-desporto, a sua pseudo-política e a sua pseudo-artè?

A propósito de bombeiros voluntários, que há pouco tiveram na nossa terra a sua festa, desejamos lembrar que foram eles uma das mais antigas formas de assistência social privada, e por sinal temida em Roma pelo imperador Trajano, tanto como as nascentes igrejas cristãs. Diz Mons. J. A. Ferreira, em interessante estudo de arqueologia cristã: "Trajano via um perigo em todo o género de associações, cujas reuniões julgava contrárias à segurança do Estado; e assim negava autorização ainda às mais inofensivas. Plínio, numa das suas cartas depois do pavoroso incêndio em Nicomédia, pediu autorização a Trajano para organizar uma companhia ou associação de bombeiros, encarregados da extinção dos incêndios, composta apenas de 150 operários, e por consequência de fácil fiscalização; pois Trajano não consentiu".

Que medo!

## O QUE SOMOS

VISTO ser "Ecclesia" o órgão da Igreja Lusitana, é natural procurar definir nela a nossa posição eclesiástica, posição que de resto é a razão de ser da nossa existência como comunidade cristã.

Todos os nossos documentos oficiais designam a Igreja Lusitana como CATÓLICA, APOSTÓLICA, EVANGÉLICA; portanto, dizer o que somos, não é mais do que expor o que entendemos por essas três palavras.

A significação etimológica da palavra **católico**, é sobejamente conhecida. A Igreja Cristã foi em primeiro lugar chamada CATÓLICA ou UNIVERSAL por compreender homens de todas as nações, raças e línguas, em contraposição à Igreja do Velho Testamento que era a Igreja de uma nação e de uma raça, Israel. A Igreja foi ainda chamada Católica porque, como "coluna e apoio



da verdade" (1 Tim. 3:15 V. B.) sustenta e ensina, em contraste com as seitas heréticas, não uma doutrina particular, mas sim "a Fé uma vez dada aos Santos", recebida "sempre, por todos e em toda a parte", a Fé universal, isto é, CATÓLICA.

A Igreja Lusitana é Católica por ser **um ramo da Igreja Católica**. Porém a nossa concepção de Igreja Católica difere tanto da ideia romana como da noção que a este respeito tem a generalidade das outras Igrejas Protestantes.

Para os Teólogos romanos, **catolicismo** significa comunhão com a Sé de Roma e portanto submissão completa à jurisdição do seu Bispo, o Papa.

Para a maioria das outras Igrejas Protestantes, a Igreja Católica é constituída pelo conjunto místico de todos os verdadeiros crentes — é uma entidade invisível, um organismo puramente espiritual. De visível, para elas, há apenas "Igrejas" (grupos de congregações ou até simples congregações locais) as quais, segundo o seu ponto de vista, apenas necessitam de manter entre si relações de amizade ou de colaboração, e não depende a sua legitimidade nem a validade dos seus ministérios e sacramentos, de qualquer conexão visível com o passado. Daí o Movimento Ecuménico para a união das Igrejas, ter, para muitos deles, um simples sentido de conveniência e até para alguns de... inconveniência.

Para nós, a Igreja Católica é uma **sociedade** fundada por Cristo por meio dos Seus Apóstolos, **sociedade visível** embora corresponda a uma realidade de natureza espiritual — união vital dos indivíduos com Cristo, operada pelo Espírito Santo mediante a fé e os sacramentos. É evidente que é possível pertencer-se a Cristo sem se pertencer a esta sociedade visível, e a inversa também é, infelizmente, bastante verdadeira; isso porém constitui uma anomalia, um desvio do propósito divino que não invalida em nada a nossa definição.

A nossa concepção de catolicismo tem por estrutura básica o chamado "quadrilátero de Lambeth", assim denominado por haver sido enunciado pelos Bispos reunidos numa histórica Conferência de Lambeth. Os quatro "lados" desse "quadrilátero" são os seguintes:

1) A aceitação da Escritura Sagrada como pedra de toque pela qual devem ser provadas as doutrinas julgadas necessárias para a Salvação.

- 2) A perseverança na fé exposta nos dois Credos (o credo dos Apóstolos e o credo niceno, como são chamados).
- 3) O uso fiel dos dois grandes sacramentos do Evangelho (o Baptismo e a Eucaristia) como Cristo os ordenou.
- 4) A continuação do Ministério Apostólico de Bispos, Presbíteros e Diáconos, transmitido pelos que têm autoridade para o transmitir.

Já nos Actos dos Apóstolos encontramos algo que corresponde a este quadrilátero, cuja base é a REVELAÇÃO divina sobre a qual se firmam a DOUTRINA e os SACRAMENTOS, ensinados e administrados por um MINISTÉRIO instituído pelo divino Fundador da Igreja, que disse aos Seus Apóstolos: "Assim como o Pai me enviou também eu vos envio a vós" (João 20:21). Assim, a Comunidade Cristã inicial, convertida após a exposição das Escrituras (1) REVELAÇÃO, — feita por S. Pedro no dia de Pentecostes, fôra (a) **baptizada** para remissão de pecados, e perseverava (b) no "partir do Pão" (2: SACRAMENTOS) e na (3: DOUTRINA dos Apóstolos: — 4) MINISTÉRIO.

Era de carácter geral, o ministério dos Apóstolos, os quais, à medida que os fieis se multiplicavam, delegaram parte dos seus encargos nos "sete" que costumamos chamar diáconos, e parte da sua jurisdição no ministério de natureza local dos presbíteros-bispos de que nos fala o Novo Testamento. Surgiram igualmente aqueles delegados apostólicos, como Tito e Timóteo, encarregados de ordenar presbíteros e de superintender sobre eles; estava pois constituído, já em vida dos Apóstolos, o Tríplice Ministério, e dado o primeiro passo para o episcopado monárquico, que já aparece nas epístolas de Sto. Inácio, no limiar do Século II e que já deve ter sido exercido em Jerusalem no tempo dos Apóstolos, por Sant'Iago, o "irmão do Senhor". Desde os Apóstolos até ao século XVI, nunca se levantou na Igreja uma dúvida séria de que são aqueles ministros que do século II em diante se chamam "bispos" os únicos detentores da autoridade de transmitir o Ministério Apostólico.

Foi a Igreja dos primeiros séculos, assim organizada episcopalmente, mas em que a jurisdição dum bispo sobre **todos** os outros bispos, ou seja o "papismo", era desconhecida, que, pelo seu consenso, estabeleceu o Canon do Novo Tes-



tamento, e, pelos seus concílios, definiu a doutrina dos credos. Era a **Igreja Católica** indivisa.

Um catolicismo saudável e robusto, é aquele em que os quatro lados do "quadrilátero de Lambeth" se combinam de forma a haver perfeito equilíbrio, visto que a preponderância de um destes elementos sobre os outros, foi e é a causa dos muitos males que afligiram e afligem a Cristandade. De facto, conforme respectivamente se deu enfase desmedida ao Ministério, aos Sacramentos, aos Credos ou à Bíblia, assim tivemos, a tirania clerical, a superstição ritualista, a intolerância dogmática e o individualismo sectário.

A Igreja Lusitana, fundamentalmente católica, deseja cultivar e promover um catolicismo legítimo e vivo; bem definido, mas compreensivo e tolerante.

A Igreja Lusitana não é o resultado de proselitismo levado a cabo por missionários estrangeiros que em nosso País tivessem vindo estabelecer-se, embora esforços semelhantes sejam muito respeitáveis. Ela é, na essência, a velha Igreja nestas terras existente antes do predomínio papista, restaurada por um punhado de presbíteros e leigos portugueses do século passado, que deixaram a Comunhão Romana, mas que não quiseram deixar a **Igreja Católica**. Da Igreja Lusitana pode-se dizer o que o actual Arcebispo de Armagh, Dr. J. Gregg, escreveu a propósito da Igreja de Inglaterra: "Ela defende aquilo que a história diz ser a herança apostólica que deve ser sustentada e confessada por todos os que desejam dizer de si próprios com S. Paciano — **Cristão** é o meu nome e **Católico** o meu sobrenome. É baseada neste catolicismo nuclear que ela pretende ser um ramo da Grande Igreja, e, à semelhança da Igreja Ortodoxa no Oriente e da Igreja Latina no Ocidente, o seu órgão e presença locais".

*L. R. Pereira*

## Respiços

### O VÉU RASGADO

III

Dizem-nos os três Evangelhos sinópticos, ao descreverem-nos a morte de Cristo, ter-se rasgado em dois o véu do Templo, ou seja a cortina que velava a entrada do "santo dos santos", lugar simbólico da Presença divina. Costuma-se considerar esse acontecimento como figurativo de haver ficado desde logo aberto aquele "novo e vivo caminho" de que mais tarde falaria o autor desconhecido da Epístola aos Hebreus, ao exortar os fieis, a entrarem com ousadia no **Santuário**. (Heb. 10:19 e 20). De facto a posição religiosa do Novo Testamento é caracterizada pela ausência daquilo que o "véu" tipificava. O acesso à presença de Deus é agora livre, desde que nos cheguemos em "inteira certeza de fé".

Todavia é possível que o véu rasgado não significasse o que se pensa. É necessário não esquecer que o "novo e vivo caminho" só ficou aberto depois de Jesus ter comparecido perante Deus como nosso Sumo Sacerdote, e isso só teve lugar depois da Sua ressurreição e não no momento da Sua morte. Porque se rasgou pois o véu naquele momento? **Porque já não havia nenhuma Presença divina a velar**, sugere um comentador anglicano moderno. Não profetizara nosso Senhor isso mesmo quando dissera "Eis que a vossa casa se vos deixará deserta" (Lucas 13:35)? Consumada na cruz a rejeição de Cristo pelos Judeus, eles não eram mais o Povo do Senhor: o seu templo ficara vazio!

*L. R. Pereira*

---

ADORAÇÃO, é a submissão a Deus da nossa natureza inteira. É o despertar da consciência pela Sua santidade; é o nutrir da mente com a Sua verdade; é o purificar da imaginação pela Sua beleza; é o abrir do coração ao Seu amor; é o render da vontade ao Seu propósito. É tudo isto somado que constitui a adoração, a emoção mais altruísta de que a nossa natureza é capaz.

*Arcebispo W. Temple.*

---

"A marca do verdadeiro teólogo, é aprofundar tanto quanto possível, examinar com assiduidade incansável e não fugir aterrorizado, se porventura a sua investigação o levar a conclusões, inesperadas ou em desacordo com noções preconcebidas e pontos de vista favoritos".

*João Inácio Döllinger*



## NO ÁTRIO

### Comemorações próximas

- 1 de Maio: Dia de S. Filipe e Sant'Iago, Ap. e MM.  
 18 de Maio: Domingo das Rogações.  
 22 de Maio: Dia da Ascensão de N. Senhor.  
 1 de Junho: Domingo do Espírito Santo.  
 8 de Junho: Domingo da SSma. Trindade.  
 11 de Junho: Dia de S. Barnabé, Ap. e M.  
 24 de Junho: Natividade de S. João Baptista.  
 29 de Junho: Dia de S. Pedro, Ap. e M.  
 O 1.º de Maio é a Festa dos Trabalhadores.  
 11 de Maio é o Dia Universal da Mãe.  
 10 de Junho é o Dia Nacional de Acção de Graças.



## NA NAVE

### Hinos Comemorativos

#### MÃE QUERIDA

(Para a música n.º 6 de "Mac Ewan's Mission Songs")

*Ó minha mãe querida,  
 Quem é que na vida te há de igualar ?  
 É teu amor meu norte,  
 Com ele sou forte, vou triunfar.*

*Brinquei no teu regaço  
 E foi o teu braço que me amparou ;  
 O A B C da vida  
 Tu foste, querida, quem mo ensinou.*

*Teus olhos vigilantes  
 Velaram constantes o meu dormir ;  
 Teus dedos me curaram  
 E me alimentaram, sem desistir.*

Côro :

*Afecto de Mãe  
 Não esquece a ninguém  
 Dos que mourejam cá.  
 Ó minha mãe querida,  
 Quem é que na vida  
 Te igualará ?*

## ASCENSÃO

(Para a música n.º 95 de "Psaumes et Cantiques",  
 ed. de Neuchâtel)

*A nossa Igreja canta  
 Os feitos da Ascensão.  
 Que uma alegria santa  
 Nos encha o coração.  
 O divinal favor  
 Reclama o nosso amor  
 E eterna gratidão.*

*Se os olhos levantarmos  
 Veremos Seu olhar ;  
 E então, se O invocarmos,  
 Havemos de escutar  
 Como Ele advoga ao Pai,  
 E como à luta vai  
 Por nós, a triunfar.*

*Pra dirigir os passos  
 Dos que Ele resgatou,  
 Aperta os doces laços  
 Que um dia a Fé atou.  
 Seu verbo assim conduz,  
 Instrui-nos Sua luz  
 Que o mundo iluminou.*

*No rol da vida eterna  
 O nome nos lançou  
 E sempre, com voz terna,  
 A Si nos convidou,  
 Nos guarda em Seu poder,  
 Nos nutre em Seu saber,  
 Conforme Se obrigou.*

*Em breve, em santa glória,  
 Do céu vai regressar,  
 Com hinos de vitória,  
 Os Seus a libertar.  
 Termina então a fé,  
 Por vermos tal como é  
 Seu rosto e Seu olhar.*

*Suprema caridade !  
 Eleitos do Senhor :  
 Cessou a ansiedade  
 Na posse desse amor !  
 Que o nosso coração  
 Se dê, por gratidão,  
 Ao divinal favor !*



## "VEM ESPÍRITO CREADOR"

(Versão do hino latino do século IX, talvez de Rábano Mauro, senão é mais antigo. Para a música n.º 246 de "Psaumes et Cantiques" de Laufer, reproduzida do Livro de Corais Moravo, de 1784).

*Vem, Santo Espírito, aos eleitos,  
E com poder visita os Teus.  
Em graça habita, em nossos peitos  
Que Tu criaste, excelso Deus.*

*A luz acende nos sentidos,  
Nos corações infunde amor;  
Aos corpos fracos, decaídos,  
Traz nova força, ó Criador.*

*Repele as hostes do inimigo,  
Concede a paz aos corações,  
Dá, nas fraquezas, no perigo,  
Celestiais consolações.*

*Por Ti, o Pai é conhecido,  
Em Ti, presente o Filho está.  
O Teu ensino difundido  
Em nós a fé aumentará.*

E. M.



## LUSOGRAMAS

— Estamos em pleno meio-milenário universal da Bíblia impressa, pois a edição da Bíblia latina de 42 linhas, precioso incunábulo de Gutemberg, deve ter sido levada a cabo de 1450 a 1456. Decerto em breve a imprensa culta mundial se referirá ao sucesso.

— Em extremos opostos, há o cristão que divide espiritualmente o seu tempo entre a oração e o repouso... e nada produz... e o cristão dinâmico que divide a sua actividade entre o dia e a noite... e nada lhe fica para refazer as forças físicas e para buscar as espirituais. Se pertences a uma destas espécies, leitor, não te louvamos. É bom que te emendes.

— Está em grande favor, na capital, o culto de Santa Filomena. Duma certa casa onde lhe levam oferendas, já estas trasbordam. Vem a propósito contar a história desta santa, "fabricada" numa lápida partida, a que faltava o começo e o fim: "... lumena pax tecum fi...". Um agiólogo

imaginoso não se atrapalhou: juntou o fim com o princípio, e assim, o FI mais LUMENA, deu uma nova santa...

— A caminho do Oriente, onde ia, em missão representativa, a uma grande reunião das Sociedades Bíblicas, visitou-nos o Rev. Evaldo Alves, secretário executivo da Sociedade Bíblica do Brasil, que nos trouxe afectuosas saudações de amigos e alguns exemplares do selo que os correios do Brasil acabam de emitir, comemorando o "Dia da Bíblia". Duas mãos abrem o livro, que irradia a sua luz bendita por todo o Brasil. Foi-nos grata a sua visão.

— Um dos principais projectos literários da editorial da Agência Judaica, que conta agora seis anos de existência, é a edição da Enciclopédia Bíblica, a primeira que aparecerá em hebraico, no Estado de Israel. É digna de sincero aplauso uma tal iniciativa.

— Uma escritora italiana, Maria Bellonci, despojou arquivos ainda inexplorados, em Ferrara e Mântua, e até no Vaticano, afim de surpreender segredos acerca de Lucrécia Borgia, a filha favorita do incestuoso Alexandre VI. E apesar de estarem em moda as reabilitações históricas não parece possível inocentar a misteriosa heroína, de muitas das máculas na sua triste crónica.

— Os feios trajos infantis da actualidade são um teste psicológico dos costureiros ditadores da moda. As pobres crianças passaram de dançarinas, ou borboletas, a "senhoras antigas", ou couves lombardas.

— Diz Kemp, acerca de André Suarès, judeu francês de origem hispano-portuguesa: "Tem contra o protestantismo a mesma antipatia, ainda muito artista, que Paulo Claudel. Peor: uma dessas tragédias de que a literatura do século XX está repleta". O problema, que merece estudo cuidadoso, também surgiu na nossa terra, entre os cripto-judeus.

— No "Digesto" da Agência Judaica, de 15 de Fevereiro, colhemos a notícia de que 15 dias antes o sr. G. Harding, director do Departamento Jordano de Antiguidades, publicara o descobrimento, feito por um grupo de beduinos, ao norte do Mar Morto, de duas novas cavernas contendo grande número de manuscritos de pergaminho e papiro em hebraico, aramaico e grego. É certamente outra **guizá**, ou depósito de livros, como o que se encontrou em Ein Féxeca, e dos quais alguns ainda estão em estudo.



Música de  
Dr. Leopoldo Figueiredo

Kyrie eleison  
Lento sacro

Se- nhor, tem mi- se-ri- cór- dia de nós.

Cris- to, tem mi- se-ri- cór- dia de nós.

Se- nhor, tem mi- se-ri- cór- dia de nós.

Gloria Patri

Gloria ao Pai e ao Fi- lho e ao Es- pí- ri- to San- to Como

era no prin- cí- pio, a- gora e sempre Por To- das os sé- c- los. A- mén.

Meno - ral . . . . .



## LAUDA POÉTICA

D. JOÃO REGENERADO

### Começo de um poema em prosa

EU sou Dom João Tenório, chamado o "Irresistível", que não resisti um dia à luz dum supremo encanto.

Dia grande, inolvidável, esse em que eu fui conquistado; e todo o meu ser abriu-se para uma nova existência.

O que fora a minha vida, a todo o mundo foi dito, pois a carne humana é fraca e amou as minhas fraquezas. Ainda os que me condenam sentem um mórbido apelo, para remexer o lodo em que eu mergulhei outrora...

A moral apregoada em meu justo desabono, era só a mascarilha, tantas vezes ajustada sobre visagens curiosas...

A alma é encruzilhada de duas vias opostas: uma, sedução do inferno; outra, saudade celeste. Se a sedução tripudia, reinará a inconsciência, mas se a saudade triunfa nasce uma ridente esperança.

Isto, eu aprendi agora, depois da vida passada, em crápula cor-de-rosa, em perfumada estrumeira...

Tudo fui eu, nessa vida; tudo fui: gentil, afável, serviçal e sorridente, companheiro afectuoso, tudo... menos cavalheiro. Ideal cavalheirismo, onde estás, ideal nobre, onde estás, formosa escola do carácter respeitável?

Homem, que és da Mulher filho, não esqueças a procedência; e em cada mulher respeita aquela mulher antiga, que foi tua Mãe dorida, que foi tua Mãe formosa, que foi tua Mãe prudente, que foi tua Mãe activa, que foi tua Mãe discreta, que foi tua Mãe amante! Sê, pois, sempre cavalheiro.

Mas... que é ser cavalheiro? Eu te digo, alegre moço que, mal abertos os olhos para a vida que se vive em contacto com vizinhos, com amigos e inimigos, com parentes e aderentes, com colegas e parceiros, tiveste de resolver problemas de alto conceito, ante o suspeito convite, a intenção mal contida, a promessa calculada, a descrição maliciosa, o equívoco maldoso, o escarnejar da pureza, os olhares imprudentes, a linguagem des-

bragada, a nudez provocadora, a sedução refalsada; e foste às vezes vencido!

Porque esqueceste uma irmã, que em teu lar vive serena, bem feliz e confiante, aguardando o "encantado", príncipezinho de sonho? Porquê o vulto amoroso da tua Mãe olvidaste? Onde está a visão querida do teu lar de pequenino, quando amavas sem rebuços, vivias sem egoísmos, e procedias sem vícios? A vida lisa e sem mancha conduz à paz sem remorso; mas cada gesto impensado, cada palavra ociosa, e cada intenção iníqua trazem a morte no bojo. É preciso, amigo-jovem (te diz o teu velho amigo, só o teu bem almejando) que no jardim da tu'alma cultives a flor eterna do Bem, da Honra, da Esperança, a flor cujo aroma é Vida, a flor cuja cor é Graça, a flor cuja forma é Obras.

Assim matarás a morte com a espada acaçalada de O que te salvou morrendo; pela inventível Palavra que desde o princípio vive, e cria, adorna e conserva, vigia, advoga e redime.

Eu, Dom João de Maranhã, eu sou aquele Tenório que ardeu numa estranha febre, devorando como o fogo as consciências dormentes; que inundou, qual lava horrível, as encostas verdejantes onde as donzelas formosas, descuidadas, sonhadoras, haviam edificado a cabana dos seus sonhos e plantado a fresca vinha da sua esperança fagueira.

Um dia, correndo incôscio, delirante, exaustinado, pelas campinas da vida, descobri o Monte agosto onde se ergue a cruz antiga, que foi medida em angústia pelos braços, pelo vulto do Rabi da Galileia. O doce Mestre que trouxe amor que salva e levanta, amor que restaura e muda a morte em vida perfeita, e a treva em luz inundante, que muda guerras e ódios na paz e no affecto santos, o doce Mestre venceu-me. Sua Mão pousou na carne que o pecado apodrecera; Seu olhar pousou na alma que o vício tornara escura; e fez-se luz deslumbrante! Houve saúde celeste com roupas alvinitentes!

Glória ao Mestre Ressurrecto, glória ao Verbo fecundante, glória ao Evangelho Eterno que faz da infecta vaza surgir o lírio sem mácula. Glória a Deus e ao Seu Cristo, que ressurgue em cada vida, por mais triste e mais corrupta, ao renunciar humilde, ao tomar a cruz diária, ao segui-Lo para sempre!

Eu sou Dom João Tenório... Dom João Regenerado!

*Eudaro Carmelino.*



## NO LAR

### VISITA A UM ENGENHO

VAMOS visitar um engenho de cana!

Basta esta evocação para aquele que já visitou, não um mas muitos, sentir o aroma da garapa fresca, ou fervendo nos grandes tachos. Esta recordação é-o de uma variedade de aromas de garapa fervida, pois no começo da fervura tem um e quando já prestes a endurecer bem diferente ele é. Juntem-se também os sons ligados a esta experiência: o som do próprio engenho, parecendo um bando de guaripas na mata; o grito da criança ao tocar os bois que fazem rodar o engenho; o zunido das abelhas que voam em volta, e porfim, muitas vezes, caem dentro da garapa tentadora, no cocho grande, ao pé do engenho; a gritaria dos dois jôvens, de ambos os lados do engenho, que, abraçando vários paus de cana, os metem com força entre duas ou três moendas perpendiculares, as quais, rangendo e protestando, vão apertando o sumo da cana e deixando passar o bagaço para o outro lado. Cada jôvem, depois de lançar as suas canas na moenda, recebe o bagaço das canas do outro lado, force-as e mete-as novamente entre as duas moendas. Passadas que sejam meia dúzia de vezes, entre as moendas, já podem ser lançadas fora. No entanto a sua utilidade não terminou, pois os mesmos bois que caminham com uma paciência infinda, ao redor do engenho, mastigam-nas durante o seu descanso, extraindo delas ainda certa quantidade de sumo.

É verdade que muito bagaço não é aproveitado pelo gado e resseca debaixo do calor ardente do sol tropical. Mas até este bagaço ressecado tem o seu uso.

"A noite é de breu" como dizem os sertanejos brasileiros. Não há lua, e as estrelas que brilham são bem poucas e parecem cintilar muito mais afastadas do que o costume, de maneira que a sua luz acentua a escuridão, em vez de a vencer. Uma família da roça tem certa visita a fazer, certa festa a que assistir, um culto talvez em que possa ouvir a Palavra de Deus, o que tão raramente acontece. Não se mede o sacrifício, então, para tomar parte no que quer que seja. Uma luz para o caminho é necessária, portanto cada membro da família apanha uma braçada de bagaço, a dois e dois, acendem-lhes as pontas que ardem imedia-

tamente, e lá se vão pelos caminhos afora, clareando bem vivamente a estrada para todos.

Vê-se portanto como a cana, desde o começo até ao fim, teve a sua utilidade.

O Sábio diz: "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade..." Ecles. 12:1. O Salmista diz, e mais tarde o Apóstolo é seu eco: "Se hoje ouvirdes a Sua voz não endureçais os vossos corações..." Salmo 95:7 e 8. Por este último versículo vemos que quem quer que o leia, seja novo ou velho, tem oportunidade de aceitar a Cristo. Mas o primeiro trecho diz: "...nos dias da tua mocidade. Sim, é mais que certo; pois é na juventude que estamos na plenitude das nossas forças. E porque não dedicar o "sumo" das nossas vidas ao Mestre, em vez de o entregar ao mundo? O Mestre aproveita as nossas forças e aumenta-as; o mundo aproveita as nossas forças e depauperas-as. Quantas e quantas vezes, destituídos da nossa seiva, das nossas forças, nos sentimos lançados fora. Se a isso chegarmos, que utilidade teremos então nós? Todavia Cristo ainda promete: "Aquele que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora". João 6:37. Ainda há então algo de proveito naquela alma **esbagaçada**, triturada pelo engenho da vida. E Deus ainda pode aproveitá-la. Então, "porque endureceis o vosso coração?"

O velho lê: "Hoje, se ouvirdes a Sua voz..." E pensa de si para consigo: — Ouvi tarde demais a Sua voz. O velho pensa que o jôvem tem muito que oferecer, e que o mais idoso, ainda que pouco pode oferecer, sempre esse pouco é útil; mas quanto a ele, que está no fim da vida, nada lhe resta fazer para Aquele de cuja voz ele só **hoje** ouviu a chamada. Engana-se, pois até ao velho Deus pode usar. Assim como o bagaço ressequido da cana serve para alumiar o caminho, assim a vida dum velho, inflamada do Espírito de Deus, pode alumiar o trilho de muitos; e aquilo que aprende na sua velhice ele o pode transmitir a outro na sua juventude, rica e sã, salvando-o para Jesus Cristo. Ananias, velho, mas cheio de Espírito, abriu os olhos de Saulo, no vigor da sua mocidade.

A verdade é que **hoje** é o dia da Salvação. **Hoje** é o tempo aceitável. Vós, na flor das vossas forças, vós idosos, enfraquecidos mas ainda aguentando; vós velhos acabados, mas vasos ainda capazes de conter o Espírito: — "Hoje, se ouvirdes a sua voz não endureçais os vossos corações".

Ricardo Waddell



## NA SEARA

### Culto de Saudade

Fez no dia 28 de Fevereiro sessenta anos que o Revmo. Santos Figueiredo se separou da comunhão romana. Por esse motivo se realizou um serviço divino especial, em memória do saudoso presidente do Sínodo da Igreja Lusitana, no templo onde ele entrara aos 30 anos de idade para ministrar à congregação presbiteriana que ali se reunia, e que aí continuou como pároco da Igreja Lusitana de S. Paulo, quando esta aí se instalou, em 1899. Pregou neste serviço **In Memoriam** o actual pároco da referida Igreja. Foi esta uma singela mas sentida homenagem àquele grande amigo que foi bispo-eleito da nossa Igreja.

### Esforço Cristão

Teve sua áura este movimento, trazido há quase 50 anos para Portugal, com suas sessões periódicas de consagração e seu voto pessoal querido dos elementos activos. Supomos que se desaparecido algumas dessas sociedades e que seus métodos têm decaído da sua acuidade primitiva, mesmo nas que persistem. Não sabemos quantas existirão nas nossas congregações, pois não costumamos receber informações regulares; mas sabemos que a do Prado, em Vila Nova de Gaia, comemorou há dois meses o seu 25.º aniversário elegeu nova direcção, registando em assembleia, com satisfação, a sua situação económica.

### D. Carolina Beires e D. Josefa Araujo

Preparavam-se os antigos alunos do Candal, Gaia, para prestarem à sua antiga professora, por 20 anos de fiel e eficiente magistério, D. Carolina Beires Rodrigues, homenagem semelhante à que os alunos do Torne prestaram a D. Laurinda Rebelo, quando surgiu a notícia do seu falecimento. O "Comércio de Gaia", em sentidas palavras publicadas no seu número de 18 de Fevereiro, tarde legado às nossas mãos, consagrou sentida notícia sobre esta perda das nossas escolas.

Um mês depois, a 27 de Março, partia desta terra para melhor estado, a esposa querida do Sr. Armando Pereira de Araújo, D. Josefa Campos Araújo, que por tantos anos fora, antes duma pertinaz doença, a companheira dedicada do forçado obreiro, a "Mulher forte" dos Provérbios.

### Grupo Coral Pro Música Sacra

Vinte e um anos de regência proficiente e persistência admirável, levaram a Igreja Lusitana de S. Paulo e alguns elementos do seu Grupo Coral a manifestar a sua gratidão ao sr. D. Leopoldo de Figueiredo, numa sessão, em 4 de Abril, em que vários oradores expuseram o seu critério acerca do "Valor e necessidade do canto coral na Igreja". A prenda que lhe foi entregue, símbolo da sua regência, recordará aos vindouros uma vida activa e harmoniosa.

### Semana Santa

Todas as nossas congregações fazem por esta solene ocasião um esforço especial de evangelização, conjuntamente com os serviços de adoração recordatórios da Paixão e da Ressurreição de nosso Bendito Salvador e Mestre. Das Congregações do Bom Pastor, de S. João Evangelista e de S. Paulo, recebemos os impressos que nos dão a ideia da sua abençoada iniciativa.

### Rev. J. P. Martins

"O Setubalense", em seus números de 13 e 18 de Fevereiro, publicou palavras de nobre referência, tocantes na sua sinceridade, a este ministro da nossa Igreja que ultimamente foi aposentado e que em Setúbal trabalhou por mais de quarenta anos, tendo levado a efeito a festa das Colheitas e outras iniciativas, além da erecção do templo e que, nos seus tempos de saúde e força física, palmilhou estradas para ministrar o Evangelho de pequenos grupos de fieis.

### Pintassilgos das Janelas Verdes

É um sonho dos nossos amigos senhores José Miguel Balão, João Pedro de Figueiredo, Miss Gladys Price, Dr. Ayres Serrano e Silva, Rodrigues da Silva, João Carvalho e outros, este de criar um grupo orfeónico com vozes de garotos incultos, depois de as adoçar e de fortalecer os seus possuidores com exercícios, banhos e "banacau", e de lhes dar expressão por meio do conhecimento da "velha e doce história do Grande Salvador". A maestrina D. Idalina Leite Pinto tem, em algumas lições, provado que esse